

## **Prefácio**

Em 1994, a economia de Londrina passava por dificuldades. Pólo das atividades econômicas do Norte do Paraná, agora perdia sua dinâmica, com desemprego e falta de investimentos produtivos diversificados. A percepção de que este fato era decorrente do esgotamento do modelo econômico, ancorado no tradicional mercado de produtos agrícolas regionais, levou-me a acreditar que a reformulação deste modelo deveria contribuir para a retomada de seu crescimento. E mais, se este modelo fosse aplicável de forma genérica em diferentes regiões, ele justificaria o objetivo dos estudos de uma tese de doutoramento, pois este problema, com certeza, deveria estar ocorrendo em muitas outras cidades de forma semelhante.

Identificada esta questão em minha cidade natal, procurei compartilhar minha observação sobre sua decadência econômica em conversas informais com empresários locais, o que resultou na idéia de tirar proveito do fenômeno da relocação de indústrias globais, fomentando o fluxo de capital internacional a direcionar seus investimentos industriais para a cidade. A visão era que a industrialização, ainda incipiente na região, poderia desempenhar um papel mais importante para reaquecer a economia em Londrina.

Para condução das ações de marketing junto a grandes empresas nacionais e internacionais, Valter Luiz Guimarães, londrinense, executivo da *holding* petrolífera Ipiranga, apontou a necessidade de se ter em mãos um diagnóstico de alta qualidade, com confiabilidade empresarial, sobre a competência e vocação regional para a industrialização.

Em dezembro de 1994, após articulações dos empresários com a Prefeitura, foi contratada a empresa Andersen Consulting para elaborar o Plano de Desenvolvimento Industrial de Londrina (PDI). Junto ao comitê executivo, durante o ano de 1995, atuei em várias reuniões, debates e seminários, discutindo questões de planejamento estratégico aplicado à cidade.

Em 1996 e 1997, como consultor contratado pelo IPT, participei da elaboração do plano "Estratégia Competitiva do Estado" da SCTDE/SP com trabalhos na área de pólos tecnológicos e desenvolvimento econômico local, levantando ampla

A CIDADE COGNITIVA  
Robinson Borba

bibliografia de referência sobre estes temas nas bibliotecas do IPT e da Universidade de São Paulo (USP), na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), na Escola Politécnica (POLI) e na Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis (FEA), além de livrarias normais e virtuais, *sites* de Internet, revistas e jornais. No mesmo período, ministrei palestras sobre as ADLs em seminários promovidos pela SCTDE/SP em cidades do interior paulista e participei de reuniões com lideranças regionais visando a criação de um fórum de agências de desenvolvimento local do estado de São Paulo.

Durante os trabalhos para o IPT, pude verificar a importância que a tecnologia poderia ter como fator indutor do desenvolvimento regional, o que me levou a acreditar que haveria, neste enfoque, um modelo de desenvolvimento econômico viável para ser implantado em minha cidade natal. Esta possuía características de um pólo tecnológico, algumas delas com projeção nacional como a Universidade Estadual de Londrina (UEL), o Serviço de Comunicações Telefônicas de Londrina (SERCOMTEL), o Instituto de Pesquisas Agronômicas do Paraná (IAPAR).

Incentivado por meu orientador, passei a desenvolver conceitos e teorias que fossem aplicáveis às condições regionais de desenvolvimento da "capital" do Norte do Paraná, buscando conduzir as pesquisas à identificação de um modelo de desenvolvimento econômico local fundamentado em indústrias de base tecnológica.

Isto me levou a estudar as condições encontradas na Emilia-Romagna, com a qual Londrina possui contato permanente, graças ao Programa Paraná-Europa existente na cidade, cujo escritório tem levado lideranças locais em visitas a esta região da Itália, conhecida internacionalmente pela economia fundamentada em uma rede de pequenas e médias empresas, a maioria delas dedicada a produtos de alta tecnologia.

As investigações se estenderam ao Japão, país que tem recebido um grande número de "*dekasseguis*" oriundos de Londrina, que após trabalharem em fábricas de todos setores, inclusive de alta tecnologia, voltam para a cidade com recursos para investir na região. Porém, por falta de opções, acabam se restringindo em investimentos imobiliários, urbanos e rurais. Transferência de tecnologia e processos produtivos inovadores poderiam ser assimiláveis pela cultura regional, pois estes trabalhadores, servindo de facilitadores, seriam potenciais empreendedores. O modelo japonês de

A CIDADE COGNITIVA  
Robinson Borba

desenvolvimento regional baseado na implantação do Programa das Tecnópolis, regiões cuja estruturação produtiva é fundamentada na inovação tecnológica.

A identificação de cadeias produtivas em segmentos industriais na área de alimento e confecções "*clusters*" pelo PDI de Londrina, fizeram-me conduzir pesquisas às aglomerações industriais, buscando um modelo de desenvolvimento industrial assemelhado ao processo de organização espontânea, até aqui identificado em Londrina, encontrando no Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) excelentes levantamentos sobre regiões e cidades médias industrializadas brasileiras.

Nos anos de 1997 e 1998, a criação da Agência de Desenvolvimento Econômico de Ourinhos (ADEO), através de contrato com a Prefeitura Municipal local, foi uma excelente oportunidade de aplicação dos conceitos e teorias abordados em meus estudos. Atuei na ADEO como diretor técnico, sendo responsável pela formulação de seu plano estratégico, quando convivi com dificuldades culturais e institucionais para motivar a inovação gerencial e tecnológica, não apenas nas micro e pequenas empresas locais, como também no setor público. Assim, mesmo com apoio de importantes instituições, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), não se conseguiu evitar o fracasso do principal projeto da ADEO: a incubadora empresarial.

O trabalho em Ourinhos permitiu uma aproximação maior com Londrina. Graças à proximidade entre as duas cidades, pude acompanhar de perto os esforços para a formatação de um pólo tecnológico na região do Norte do Paraná. Em 1998, ao final do trabalho na ADEO, fui contratado pela Prefeitura da cidade paranaense para a criação de uma agência de desenvolvimento regional, visando a implantação da Região Metropolitana de Londrina.

Até o final de 1999, o convívio com a comunidade londrinense foi intenso, tendo participado de duas jornadas tecnológicas promovidas pela Associação de Desenvolvimento Tecnológico (ADETEC). Em 1998, como representante da Secretaria de Planejamento Municipal e, em 1999, com palestra sobre a agência de desenvolvimento.

Encerro agora esta tese concluindo, após levantamentos bibliográficos e documentais, observações pessoais da minha experiência profissional, estudos e

A CIDADE COGNITIVA  
Robinson Borba

análises, que não há possibilidade da construção de um modelo de desenvolvimento econômico que não seja original. Ou seja: se há um modelo, ele é único e cultural, servindo apenas para aquela sociedade que o originou. O que é um paradoxo.

A predominância de um modelo de desenvolvimento, como se assiste hoje, é fruto de uma forte articulação institucional, amplo poder organizacional e homogeneização de valores culturais localizados que, entre outros fatores, como o tecnológico, garante sua expansão ao mercado global. A globalização é o inverno que se aproxima e não há como evitá-lo, mas a simples assimilação deste seu modelo não garante a competitividade de regiões brasileiras.

Não há como se enfrentar o problema de exclusão das economias periféricas sem transformar, *a priori*, a mentalidade dos agentes responsáveis pela governança das localidades e, também, de seus cidadãos. Deve-se cuidar do uso da evolução tecnológica para estimular as economias regionais, mas há de se empreender um amplo processo cognitivo coletivo para permitir a capacidade endógena de desenvolvimento.

Desenvolvimento econômico, mais que simples questão tecnológica, é um problema cultural.

São Paulo, junho de 2000